

GEORG FORSTER: UMA FIGURA DE DESTAQUE NA PRIMEIRA TENTATIVA DE DEMOCRATIZAÇÃO DA ALEMANHA

Micaela da Silva Marques Moura

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

micaela.marques.moura@gmail.com

Conhecido sobretudo pelos relatos das suas viagens realizadas com James Cook e Alexander von Humboldt, Georg Forster, no entanto, também foi uma figura de destaque do primeiro movimento democrático da Alemanha: a República de Mogúncia. Esquecido por muitos, sobressaiu, igualmente, em várias outras áreas, nomeadamente, na geografia, na política, na literatura e na tradução de livros.

Forster nasceu a 27 de Novembro de 1754 em Nassenhuben, perto de Danzig, na Alemanha, filho de Johann Reinhold Forster, padre evangélico e de Justina Forster, filha do rico e influente comerciante Carl Friedrich Nicolai de Marienwerder e viria a falecer, de pneumonia, 39 anos mais tarde em Paris.

Desde cedo a sua vida é marcada pelas expedições que realizou. A primeira, com apenas 10 anos, ao serviço da coroa russa e a segunda, aos 16 anos, dirigida por James Cook. Esta viagem à volta do mundo havia de marcar Georg profundamente. É ao longo destes três anos de expedição que o jovem tem oportunidade de confrontar todo o tipo de seres humanos, costumes e civilizações, de observar a miséria de certos habitantes e a riqueza de outros e de comparar concepções religiosas e modos de viver. Os próprios Forsters viverão em condições precárias e George não escapa ao escorbuto (Ribeiro Sanches, 1989b: 78). Porém é esta

experiência de *alteridade* [...] que levará Forster a formular as suas primeiras interrogações sobre a sua cultura, sobre a suposta superioridade europeia, criando, paradoxal ou dialecticamente, as bases para uma reflexão sobre uma *alternativa* a essa realidade, onde o direito à *igualdade* fosse consagrado e tornado prática efectiva; sabendo

que por detrás da diferença, mesmo da mais radical, se esconde sempre uma essência antropológica comum que permite pensar e viver a solidariedade entre todos os homens. (Ribeiro Sanches, 1989a: 85)

Esta viagem ao mundo foi de constante aprendizagem¹ para o autodidata Georg Forster e de influência decisiva na sua vida futura, facto elogiado mais tarde pelo filósofo alemão Friedrich Schlegel:

Für seinen [Georg Forsters] Geist war die Weltumsegelung vielleicht die wichtigste Hauptbegebenheit seines Lebens: [...] - War seine Reise mit Cook wirklich der Urkeim, aus welchem sich jenes freie Streben, jener weite Blick vielleicht erst später völlig entwickelte: so möchte man wünschen, daß junge Wahrheitsfreunde statt der Schule häufiger eine Reise um die Welt wählen könnten; nicht etwa nur, um die Verzeichnisse der Pflanzen zu bereichern, sondern um sich selbst zur echten Lebensweisheit zu bilden. (1970: 196)

O livro *A Voyage around the World* é o testemunho desta viagem que, todavia, não lhe valerá a celebridade desejada na Inglaterra. Mas este será posteriormente traduzido, pelo próprio, para o alemão (*Reise um die Welt*), e na Alemanha, onde o jovem escritor chega em 1778, a obra será entusiasticamente recebida (Ribeiro Sanches, 1989b: 79/80).

Depois de lecionar na Universidade de Kassel e na Universidade de Vilna (Polónia) é, em 1788, convidado para bibliotecário para Mainz, cidade que irá marcar a sua atividade política. Ainda em 1785 casa com Therese Heyne² e é pai de duas filhas. No entanto, o trabalho de bibliotecário não o entusiasmava, como o próprio relata em carta³ ao amigo F.H. Jacobi⁴:

¹ A única vez que Georg Forster frequentou regularmente a escola foi S. Petersburgo, onde durante oito meses teve a oportunidade de estudar na *Petrishule*, história, estatística, latim e francês (Prinz, 1989: 41). Após a sua primeira expedição e a viver na Inglaterra, o jovem Forster inicia a tradução para o inglês da *História da Rússia* de Lomonossov. Seria essa a sua escola para os próximos anos e são também as suas traduções que garantem a sobrevivência da sua família (Ribeiro Sanches, 1989b: 78).

² Filha de Christian Gottlob Heyne, arqueólogo e docente universitário de Göttingen (1729 – 1812).

³ Apud Pickerodt, Gerhart (Hrsg.), *Georg Foster in seiner Epoche* (p. 8).

⁴ Refiro-me a Friedrich Heinrich Jacobi (1743 – 1819), filósofo e escritor alemão.

Den ganzen Winter muß ich kompilieren und übersetzen! Mein Kopf ist leer, ich weiß der Welt nichts Eigenes mehr zu sagen. (...). Ich werde in diesen Tagen fünfundreißig Jahr alt, die beste, weit die beste Hälfte meines Lebens ist dahin; und mir wie unnütz verfließen! – Ich wende mich weg von dieser öden Ansicht. (Carta a Jacobi, 15.11.1789)

Em 1790 inicia então com Alexander von Humboldt uma nova expedição pela Europa, que o fará refletir sobre as questões políticas e sociais mais urgentes da sua época. Desta viagem tanto Forster, como von Humboldt elaboraram um texto que, no caso do primeiro, se intitula *Ansichten von Niederrhein, von Brabant, Flandern, Holland, England und Frankreich im April, Mai und Junius 1790*, e no caso do segundo é denominado *Ansichten der Natur*. Considerada pelo investigador Peter Koch uma *Bildungsreise* (viagem de formação), explica que o livro não é apenas um relato dos resultados da viagem, mas antes um relato do processo de conhecimento do próprio Forster:

Den begrenzten und bornierten Erfahrungsraum Mainz hinter sich lassend, schult er [Georg Forster] sein Urteils- und Erkenntnisvermögen an den verschiedensten Gegenständen der Realität. Dies wird doch in den “Ansichten” selbst deutlich, obwohl deren Bearbeitung wesentlich unter dem Gesichtspunkt der Wirkung, des Adressatenbezugs erfolgte. So sind es häufig nicht Resultate von Erkenntnisprozessen, mit denen Forster den Leser konfrontiert, sondern der Prozeß der Erkenntnis selbst wird vor dem Leser ausgebreitet. Hieraus resultiert ein spezifisches Wirkungsmerkmal der “Ansichten”: Die sich im Werk widerspiegelnde Selbstbildung des Autors als Ergebnis der Reise wird in der Lektüre des Werks als Leserbildung nachvollziehbar.» (1982: 9).

De regresso à cidade de Mogúncia quatro meses depois, Georg Forster volta à rotina do seu trabalho de bibliotecário e de tradutor. Em 21 de Outubro de 1792 a cidade é ocupada pelos franceses.

Para uma melhor compreensão da ação de Forster nesta primeira tentativa de democratização da Alemanha - a chamada República de Mogúncia ou *Mainzer Republik*

- é imperioso conhecer o panorama social, político, económico e cultural alemã do século XVIII, em particular da cidade de Mogúncia.

A situação política da Alemanha já há muito que estava definida e é assim que se encontrava ainda: dividida em estados, cada um com o seu próprio regime, aparentemente dependente do *Reich*. Ora era esta divisão da Alemanha em estados que salientava ainda mais o carácter tradicional e aristocrático do *ancién regime*. A cidade de Mogúncia - pertencente ao estado *Renânia-Palatinado* - caracterizava-se por ser especialmente dedicada a este regime e pela proximidade à França. A alta sociedade desta cidade era feudal e aristocrata e a economia, apesar de na restante Alemanha estar a evoluir, sofria um certo atraso, facto que levava a que a grande parte da mão-de-obra ainda se encontrasse a trabalhar nos campos. Culturalmente a região da Renânia estava a atravessar um período de grande prosperidade. A cidade de Mogúncia tinha-se tornado centro artístico e local de encontro de diversas personalidades conhecidas internacionalmente.

A República de Mogúncia surgiu no ano de 1792 e durou apenas poucos meses (Outubro de 1792 – Julho de 1793). Como em toda a Alemanha, também em Mogúncia todos os acontecimentos que envolviam a Revolução Francesa foram inicialmente recebidos com grande entusiasmo, tanto pelo povo como pelos intelectuais. No entanto, enquanto os populares rapidamente se deram conta da violência desta revolução e se desencantaram com ela, os intelectuais – apesar de também se revelarem críticos da violência praticada durante a Revolução – vislumbraram com os acontecimentos recentes em França a sua oportunidade de colocarem em prática politicamente as suas ideias filosóficas de autodeterminação, dignidade humana e direitos humanos.

A data exata do início da República de Mogúncia é o dia 21 de Outubro de 1792, dia em que a cidade foi ocupada pelas tropas francesas. Anteriormente, a 10 de Agosto do mesmo ano, tinha ocorrido a deposição do rei Luís XVI e a 21 de Setembro 1792 tinha sido proclamada a República Francesa.

A ocupação de Mogúncia não foi muito difícil uma vez que o príncipe-eleitor se tinha escapulado. Depois de Mogúncia os franceses avançaram para as regiões que se encontravam na margem direita do Reno. Todavia esta cidade manteve-se o centro das suas ações políticas e militares. Os militares franceses foram bem recebidos em todas as às regiões que ocuparam, uma vez que os alemães com eles pensavam conseguir a tão desejada abolição do regime feudal. Estes, por sua vez, não queriam ser considerados conquistadores ou opressores, mas sim libertadores do povo sem direitos políticos, pois atuavam à luz dos ideais da Revolução Francesa.

No dia seguinte à ocupação francesa os habitantes de Mogúncia reuniram-se à noite no castelo para constituição de uma sociedade, cujo objetivo era libertação dos cidadãos desta mesma cidade e talvez da restante Alemanha. Paralelamente foram feitos esforços para incentivar personalidades importantes da Mogúncia a fazerem parte desta associação. Foi assim que na noite de 23 de Outubro de 1792 foi constituído na sala académica do castelo de Mogúncia o primeiro clube de jacobinos na Alemanha, designado *Gesellschaft der Freunde der Freiheit und Gleichheit*, baseando-se no modelo francês. Era inicialmente constituído apenas por 20 membros, entre eles estudantes, professores, funcionários públicos e comerciantes, mas na reunião do dia seguinte a sala académica do castelo encontrava-se repleta de homens. Membro deste clube poderia ser qualquer indivíduo que tivesse mais de 24 anos e se prontificasse a fazer o juramento de “viver livre ou morrer” (*Frei leben oder sterben!*). A candidatura tinha de ser proposta por um jacobino, de ter o apoio de outros cinco e era apenas aceite se nas três seguintes reuniões não mais de onze membros do clube a vetassem. A entrada formal dava-se com o juramento acima mencionado e com a inscrição do então já membro na lista de membros. Este ritual de admissão possuía, especialmente devido ao juramento, uma grande força de integridade e fazia dos jacobinos uma comunidade sólida, que pretendia ser, através da sua persuasão e poder decisório, um exemplo para os seus concidadãos.

A criação deste clube (e de outros dois, um em Speyer, outro em Worms) deve-se sobretudo à atividade de cinco homens: são eles Georg Wilhelm Böhmer,⁵ Georg Christian Wedekind⁶, Mathias Metternich⁷, Anton Joseph Dorsch⁸ e Georg Forster.

Este último, Forster, não teve desde o início uma posição de liderança dentro do clube. Apesar de simpatizar com a eliminação radical do antigo regime, ponto de vista adquirido sobretudo durante as suas estadias na Bélgica e na França (Dumont, 1982: 133)⁹, não tinha ainda, no Outono de 1792, opinião formada sobre o assunto. Na verdade, nem era a favor da criação dos clubes jacobinos e é só em 5 de Novembro de 1792 que se torna membro deste clube em Mogúncia. No entanto, já no seu primeiro discurso nesta sociedade, dez dias após a sua entrada, discursou sobre a relação dos habitantes de

⁵ 1761- 1839, teólogo.

⁶ 1761-1831, médico.

⁷ 1747-1825, docente do ensino superior.

⁸ 1758-1819, docente do ensino superior.

⁹ Ou como o colocou Sanches Ribeiro (1989a: 82): “(...) a viagem europeia (...) fez de Forster um republicano”.

Mogúncia com os franceses, sobre a implementação da democracia na margem esquerda do Reno e a sua anexação à França:

Noch neulich glaubte ich, Deutschland jenseits des Rheins sei zur Freiheit nicht reif; aber die Hand des Schicksals thut Wunder und nichts kann dort die privilegirten Stände noch erhalten, als schleuniger Friede, Aufopferung dessen, was schon verloren ist, und weise, den Umständen angemessene Nachgiebigkeit und Gelindigkeit gegen das Volk.

(in: *Über das Verhältniss der Mainzer gegen die Franken*)¹⁰

Todavia, o que impedia os cidadãos de Mogúncia de tomar tal decisão é o facto de recearem que a cidade voltasse a ser reconquistada pelos alemães, o que na verdade iria acontecer, e consequentemente terem de sofrer as consequências do seu ato de coragem.

Apesar de serem muito apoiados nas áreas ocupadas, o *Pariser Nationalkonvent* (Assembleia Constitucional vigente durante a Revolução Francesa) de 15 de Dezembro de 1792 decidiu, face à indolência persistente da massa popular, introduzir a democracia francesa. Com a democracia francesa a vigorar na República de Mogúncia era necessário eleger o primeiro parlamento. As preparações para estas eleições deixaram Forster sem tempo para qualquer outro tipo de atividade. Agora além de presidir, em conjunto com Dorsch, a *Allgemeine Administration* (Administração Geral), também era, desde o início do ano de 1793, presidente do clube de jacobinos e redigia em conjunto com Wedekind, o mais importante órgão de imprensa: o *Patriot*.

As eleições para o chamado *Rheinisch-Deutschen Nationalkonvent* (Primeiro Parlamento Alemão eleito democraticamente) realizaram-se no dia 23 de Fevereiro de 1793 e estiveram ligadas a algumas dificuldades. Antes de passar ao ato eleitoral os eleitores tinham de jurar a soberania do povo, liberdade e igualdade, o que trouxe algumas desistências das eleições, causado pelo receio sentido em relação às tropas prussianas, que cada vez estavam mais próximas. A 17 de Março de 1793 constituiu-se o *Rheinisch-Deutsche Nationalkonvent* no *Rittersaal* (sala dos cavaleiros) do *Mainzer Deutschhaus* (sede do Parlamento). Foi eleito para presidente do *Konvent* Andreas Joseph Hofmann¹¹ e como seu representante Georg Forster. Estava assim criado o *Rheinisch – Deutscher*

¹⁰ Apud Alois Prinz, *Das Paradies ist nirgendwo* (p. 238).

¹¹ 1752-1849, filósofo.

Freistaat (de Landau a Bingen), um estado livre e independente, com leis baseadas na liberdade e na igualdade.

A 21 de Março de 1793 viajou para o *Pariser Nationalkonvent* uma delegação constituída por Georg Forster, o comerciante André Patocki e o professor de filosofia de Mogúncia, Adam Lux, com o pedido de anexar o *Rheinisch-Deutscher Freitstaat* à França. O pedido por escrito foi aceite, mas não se chegou a concretizar, porque entretanto as tropas alemãs tinham reconquistado a região de Mogúncia. O *Rheinisch-Deutscher Nationalkonvent* foi-se aos poucos dissolvendo, causado pela fuga de muitos deputados receosos da situação militar. Esta viagem a Paris também seria a última viagem da vida de Georg Forster.

Um dia após a sua chegada a Paris, em 30 de Março 1793, Georg Forster discursa no *Nationalversammlung* (Assembleia Nacional), onde transmite a decisão tomada pelos cidadãos de Mogúncia e pede a anexação do *Rheinisch-Deutscher Freitstaat* à França. O seu discurso é recebido entusiasticamente, mas dias depois começa o desencantamento de Georg Forster em relação à Revolução Francesa e escreve à sua mulher Therese:

Ich hänge noch fest na meinen Grundsätzen, allein ich finde die wenigsten Menschen ihnen getreu: alles ist blinde leidenschaftliche Wuth, rasender Partheigeist, und schnelles Aufbrausen, das nie zu Vernünftig ruhigen Resultaten gelangt.

(Carta a Therese Forster de 8 de Abril de 1793)¹²

A cidade de Mogúncia foi ocupada a partir de Junho 1793 e nos dias 22 e 23 de Julho a França entrega a cidade às tropas alemãs. Ao receber esta notícia, Georg Forster está consciente que não poderá voltar para Mogúncia e acaba por falecer em Paris, completamente só, a 10 de Janeiro de 1794. Morre sem que os seus “sonhos de um mundo melhor em que à razão e aos sentidos poderia ser dado livre curso (...)” se realizassem (Ribeiro Sanches, 1989a: 93).

A República de Mogúncia teve, assim, um curto período de existência – apenas nove meses - e terminou tão abruptamente como se iniciou: com uma conquista militar da cidade de Mogúncia. Apesar de ter tido pouco tempo de duração, foi uma experiência muito positiva para a cidade de Mogúncia, em particular, e para a Alemanha em geral. Foi a primeira vez que um parlamento moderno se reuniu no *Mainzer Deutschhaus*, no

¹² Apud Alois Prinz, *Das Paradies ist nirgendwo* (p. 249).

dia 17 de Março 1793, e mais importante ainda os seus membros reuniram-se para representar o povo e não como representantes dos estados alemães. Esta república foi o primeiro passo para a democracia na Alemanha, uma vez que existia o direito de voto no parlamento e as resoluções tomadas no *Rheinisch-Deutscher Nationalkonvent* eram baseadas em princípios democráticos. Indubitavelmente que nesse momento histórico da Alemanha a ação de Georg Forster foi de extrema importância para a República de Mogúncia. Este revolucionário subiu no momento em que surgiu uma alternativa ao Antigo Regime ao palco da Revolução, porque ele próprio já tinha observado e refletido sobre a *alteridade* e pensado numa *alternativa* (Ribeiro Sanches, 1989b: 85). Mas infelizmente a falta de apoios, tanto humanos como financeiros e a curta duração da república, foram fatores que contribuiriam para que todo o seu esforço fosse – na altura – em vão. Porém foi uma experiência importante para a Alemanha, uma vez que foi o primeiro passo para instaurar a democracia nesse país. Quanto à própria figura de Forster e depois de apresentado aqui resumidamente o seu percurso biográfico reiteramos o que já Manuela Ribeiro Sanches havia afirmado: foi de facto “uma exceção no mundo intelectual do século XVIII” (1989a: 85).

Bibliografia:

DUMONT, Franz (1982), *Die Mainzer Republik von 1792/93 – Studien zur Revolutionierung in Rheinhessen und der Pfalz*, Alzey: Verlag der Rhein Hessischen Druckwerkstätte.

KOCH, Peter (1982), „Selbstbildung und Leserbildung – Zu Form und gesellschaftlicher Funktion der 'Ansichten vom Niederrhein'“, in: Gerhart Pickerodt (Hrsg.), *Georg Foster in seiner Epoche*, Berlin, Argument-Verlag, pp. 8-39.

PICKERODT, Gerhart (1982), „Aspekte der Aktualität Georg Forsters“ in: Gerhart Pickerodt (Hrsg.), *Georg Foster in seiner Epoche*, Berlin: Argument-Verlag, pp. 4-8.

PRINZ, Alois (2001), *Das Paradies ist nirgendwo – Die Lebensgeschichte des Georg Forster*, Weinheim und Basel: Beltz Verlag.

RIBEIRO SANCHES, Manuela (1989a), “Georg Foster: Circumnavegador e Jacobino do direito ao prazer à virtude republicana”, in: *Runa no. 11-12*, Linda-a-Velha: Quadricromia, pp. 83-96.

RIBEIRO SANCHES, Manuela (1989b), “Georg Forster ou a urgência da acção”, in: *Vértice*, II.ª Série, No. 17, pp. 77–84.

SCHLEGEL, Friedrich (1970), "Georg Foster – Fragment einer Charakteristik der deutschen Klassiker", in: *Schriften zur Literatur*, München: Deutscher Taschenbuch Verlag, pp. 193-214.